

1

O RIO NEVA CORTA O CENTRO DE SÃO PETERSBURGO, uma grande artéria de gelo. Em sua superfície corria um bonde elétrico temporário, assim como trenós puxados a cavalo. Os cocheiros dos trenós, envoltos em lã, barbas brancas do gelo de sua própria respiração, seguiam rotas definidas por galhos de pinheiro. Patrulhas policiais procuravam pontos onde o gelo era fino, marcando-os com bandeiras vermelhas, mas na maioria das áreas o gelo era espesso o suficiente para que trabalhadores cortassem pedaços do tamanho de um piano, que seriam guardados para os meses quentes do verão. Rinqes de patinação pontilhavam o rio, usados por aqueles que tinham a sorte de ter tempo livre para se divertir. Debaxo da superfície congelada, a água seguia inexoravelmente para o golfo da Finlândia, mas esse era um pensamento distante para o povo de São Petersburgo, que se reunia no Neva e em suas margens para celebrar a Bênção das Águas. Era o dia 6 de janeiro de 1905.¹⁶

Nicolau II deu início às cerimônias do dia com uma inspeção das tropas em um dos grandes salões abobadados do Palácio de Inverno. Em seu uniforme azul-marinho, com detalhes dourados, do famoso Regimento dos Guardas Preobradjensky, ele caminhava entusiasmado ao longo dos homens alinhados, parando aqui e ali para um cumprimento: “Bom dia, meus filhos”, a que vinha rápido a resposta: “Saúde a Vossa Majestade.” Homem baixo e delgado, 1,69 metro de altura, o Imperador e Autocrata de Todas as Rússias era famoso por seu sorriso terno e seus olhos azuis de ar arrependido. Aos 36 anos, irradiava bem menos autoridade que seu pai, Alexandre III, cuja sombra o perseguia constantemente. Embora Nicolau estivesse preocupado com a guerra

entre a Rússia e o Japão, que já tinha quase um ano, sua expectativa era de que as cerimônias daquele dia, uma mistura de observância religiosa com parada militar, pudessem animá-lo.

Depois da inspeção, ele avançou pelo palácio barroco de 1.054 aposentos, um monumento de 400 metros de extensão à imensa riqueza da nação – concentrada, revoltantemente, nas mãos de poucos. O caminho pelas vastas e ricamente decoradas câmaras estava repleto de gente em busca de um aceno ou de um olhar do tsar: guardas imperiais de uniforme branco de gala, com capacetes dourados e prateados adornados com o símbolo da águia russa de duas cabeças, cossacos de paramentos azuis e de sabres desembainhados, senadores de sobretudos escarlates, diplomatas e dignitários em seus melhores trajes, almirantes e generais quase caíam de tantas medalhas e damas da corte em vestidos esvoaçantes em tons de rosa ou verde-claro.

Nicolau ia de braço dado com a rainha-mãe. Seu tio, o grão-duque Alexei, acompanhava a tsarina Alexandra, seguido pelo restante da família real. A imperatriz e as grã-duquesas vestiam trajes de veludo e reluziam de diamantes, pérolas e outras pedras preciosas. Lideradas pelo grande marechal da corte imperial, que andava de costas e levava um bastão dourado, iam de salão em salão, acompanhados pelo hino nacional. Por fim, passaram pela Galeria Militar de 1812, um longo corredor com 332 retratos de oficiais russos que lutaram contra Napoleão, e entraram na catedral do palácio.¹⁷ Imagens dos santos padroeiros da família imperial forravam a câmara ricamente ornada, e o sol da manhã brilhava através das janelas redondas da cúpula.¹⁸

Paramentado de dourado e prateado, o metropolitano de São Petersburgo, o chefe da Igreja Ortodoxa russa da cidade, deu início à missa ao meio-dia. Nicolau baixou a cabeça e rezou; um forte incenso de cravo e óleo de rosas saturava o ar. Cercado por tantos símbolos de seu poder, e das pessoas investidas em sua continuidade, Nicolau pode ter acreditado que a prece que fizera a Deus no dia 1º de janeiro, de que “no ano que está por vir Ele dê à Rússia o fim vitorioso para a guerra, uma paz sólida e uma vida tranquila, sem perturbações”, logo seria atendida.¹⁹ Afinal de contas, no ano anterior, Deus o havia finalmente abençoado com um filho, Alexei.

Mas séculos de história haviam mostrado que o povo da Rússia, e não Deus, era quem realizava a maior parte dos desejos do tsar. A cidade de São Petersburgo, por exemplo, erguida para dar a Pedro, o Grande, seu impulsivo “paraíso”, fora construída ao custo das vidas de dezenas de milhares de servos, que se afogaram ou morreram de cólera quando escavavam as fundações de seus primeiros edifícios, em uma terra pantanosa sujeita a grandes enchentes.²⁰

Em sua vida privada, Nicolau gostava de fazer o papel de um russo comum, usando camisa de camponês, comendo *borshchtch* e ocupando aposentos modestos dentro de seus grandes palácios.²¹ Mas pouco compreendia a vida dos camponeses. Havia uma outra São Petersburgo além das cúpulas douradas, das mansões elegantes e das construções militares e do governo mantidas a muito custo que se enfileiravam nas margens de granito do Neva. Nessa São Petersburgo, assim como em outras cidades russas, operários atravessavam a neve suja para trabalhar nas fábricas, onde as 14 horas de trabalho diário rendiam salários de fome. Seus patrões não os tratavam melhor que a escravos, e os operários moravam em alojamentos sem janelas, até 11 em um mesmo quarto, com bancos de madeira servindo de cama, trapos de travesseiro, e com paredes cobertas da fuligem dos lampiões de querosene. Queriam um salário e condições de vida melhores – e recentemente vinham alimentando o desejo de entrar em greve para consegui-los.²²

Em toda a extensão do Império Russo – um sexto das terras do mundo na época, partindo do golfo da Finlândia, na direção leste, atravessando a Sibéria e chegando às quentes águas do Pacífico, e desde o Ártico gelado ao norte até o mar Negro e a fronteira com o Império Otomano – viviam os 135 milhões de súditos do tsar, a maioria camponeses que trabalhavam na terra e jamais saíam dos vilarejos em que moravam, exceto talvez para servir de bucha de canhão nas guerras do tsar.²³ Dentre essa gente, ninguém jamais veria com os próprios olhos o bom tsar batiuchka (tsar-pai) descrito pelas histórias e pela tradição, o indivíduo cuidadosamente escolhido por Deus para zelar por eles.²⁴ Só sabiam, porém, que muitos de seus filhos partiam para a guerra e não voltavam, que a terra que cultivavam mal os poupava da fome, mesmo nos melhores anos, e que o tsar nunca parecia ouvir seus pedidos de ajuda.

Às 12h45, o metropolitano concluiu a missa e as grandes portas da catedral se abriram. Nicolau entrou em outra procissão, essa liderada pelo clero, que cantava ao descer a escadaria de mármore Carrara branco até o exterior do palácio, no Neva, para a Bênção das Águas. De cabeça nua e sem manto, como ditava a tradição, Nicolau recebeu o frio como um tapa na cara.

Enquanto caminhava sobre o tapete vermelho até o pavilhão a céu aberto no Neva, especialmente erguido para a cerimônia, com um domo azul incrustado de estrelas e encimado por uma cruz, só via em torno de si a multidão devota. Ela lotava as margens, a ponte do palácio, os degraus da bolsa de valores e o próprio rio. Soldados a mantinham a uma distância adequada. Nas janelas do Palácio de Inverno, cor de cereja, integrantes da corte pressionavam os narizes contra o vidro, acompanhando em silenciosa reverência.

Um buraco tinha sido aberto no gelo sob o pavilhão. A água que corria por baixo, mais quente que o ar exterior, fazia com que da abertura saísse vapor. A cerimônia começou. Nicolau beijou a mão do metropolitano e o Livro Sagrado. Um coro cantava hinos litúrgicos solenes, e então o metropolitano levou uma grande cruz dourada, atada a uma corrente, até o buraco no gelo. Depois de abençoar o Neva mergulhando três vezes a cruz em suas águas, deu sua bênção. Em seguida, do outro lado do rio, um canhão do Forte de Pedro e Paulo disparou sua saudação. O estrondo sacudiu as janelas do Palácio de Inverno. Uma fumaça azul atravessou o rio. Ao mesmo tempo, sinos de igrejas badalaram por toda a cidade.

Então, da outra margem do rio, de repente, veio outro clarão e um barulho. Desta vez o estrondo do canhão era claramente diferente, “mais pesado e peculiarmente bélico”, como descreveu uma testemunha.²⁵ Painéis de vidro quebraram-se nas janelas superiores do Palácio de Inverno. Alguém tinha armado o canhão com munição de verdade, em vez da de festim. Nicolau fez o sinal da cruz, achando que alguém estava tentando matá-lo, mas não se mexeu para se proteger. Não deu sequer um passo.

Nicolau tinha um destemor mórbido em relação à morte. Sua irmã mais nova, Olga, comentou uma vez que ele estava resignado a perder a vida no trono.²⁶ O assassinato tinha sido o destino de seu avô e de

quase metade dos outros tsares desde que Ivan, o Terrível, governara a Rússia.²⁷ Afinal, Nicolau tinha nascido no dia 6 de maio, o que fazia com que seu santo padroeiro fosse Jó, que sofreu terríveis provações nas mãos de Deus.²⁸ Nicolau acreditava no significado de tais coisas.

O canhão parou. Um policial que estava em um dos extremos do pavilhão caíra; o sangue manchava a neve perto de sua cabeça. Estilhaços tinham cortado ao meio uma faixa perto dali. No Salão de Nicolau, no palácio, damas e seus companheiros tremiam; muitos estavam gravemente feridos, vários cobertos de cacos de vidro. O almirante Fyodor Avelan, ministro da Marinha, sangrava por um corte no rosto. Mesmo assim, enquanto gritos de alarme soavam pelo palácio e os guardas se apressavam a ver o que tinha acontecido, o tsar concluiu a cerimônia, recebeu sua bênção com a água santificada, e só então retornou ao palácio. Seu séquito e a corte palaciana esperaram por alguma reação: raiva, um estremecimento de medo, um sinal de gratidão por ter sobrevivido – qualquer coisa. Nada. De olhos baixos, caminhou de volta para o palácio, sem parar nem se virar para inspecionar os danos.

A guarda em torno do palácio foi redobrada, a polícia correu para o forte para investigar, mas tirando isso o incidente foi logo esquecido. Um banquete de Estado foi realizado enquanto o pavilhão, agora incrustado de estilhaços, era desmontado. O buraco no gelo logo se fechou com o frio. A investigação nunca descobriu se a Guarda Imperial usara munição de verdade por acidente em um canhão apontado para o pavilhão onde se aglomerava a família Romanov.

Às 16h, Nicolau deixou o Palácio de Inverno em sua carruagem, seguindo para seu refúgio em Tsarskoye Selo, a meia hora de São Petersburgo.²⁹ O acontecimento do dia era um mau presságio para o ano que começava. Uma onda de descontentamento crescia entre seu povo, e a Guerra Russo-japonesa ia mal: com a rendição de Porto Artur, uma base naval estratégica russa no mar Amarelo, em dezembro, e com a derrota em inúmeras batalhas no Extremo Oriente, Nicolau precisava de um sucesso militar para apaziguar o povo e recuperar as chances de vitória sobre o Japão.

Sua esperança de sucesso estava em uma esquadra de navios russos, liderada por Zinovy Petrovitch Rojestvensky, que atravessava mais de 12 mil quilômetros do globo para esmagar a Marinha japonesa.³⁰

Naquele mesmo dia, o almirante Rojestvensky e os quase dez mil homens sob seu comando aguardavam, literalmente, em Hellville, uma cidade que ficava na ilha de Nossi-Bé, perto de Madagascar. Sua Segunda Esquadra do Pacífico, um diversificado conjunto de oito encouraçados, sete cruzadores blindados, nove destróieres e várias embarcações auxiliares (rebocadores, navios de carga, um navio condensador, um navio-hospital e uma oficina flutuante), aguardava no porto.³¹

As ordens recebidas por Rojestvensky de São Petersburgo eram para permanecer ancorado em Hellville e esperar reforços, que viriam com a Terceira Esquadra do Pacífico. A Primeira do Pacífico, a esquadra à qual Rojestvensky deveria ter se reunido, tinha sido perdida na queda de Porto Artur. Ao saber da notícia, duas semanas antes, de que tinha de ficar em Hellville, o almirante pediu a seu assessor que telegrafasse ao ministério da Marinha: “Diga a eles que quero ser dispensado do comando”, ordenou.³² Bateu a porta de sua cabine, trancou-a por via das dúvidas e teve um colapso nervoso.

Segundo a maioria dos relatos, o almirante Rojestvensky, de 55 anos, era um dos ícones da Marinha russa. Na revista de sua esquadra, antes da partida de Revel, em setembro de 1904, ao lado de Nicolau II, ele tinha mesmo essa aparência. Como descreveu uma pessoa presente, “seus largos ombros estavam enfeitados de dragonas com monogramas e águias negras. Medalhas e estrelas reluziam em seu peito. [...] Sua figura vigorosa dominava não apenas o tsar, mas todos os membros da comitiva, e seus olhos negros e agudos demonstravam uma determinação destemida. [...] Ele ficou ali, esguio como uma baqueta, olhando tão resoluto para Nicolau que parecia que nada conseguiria detê-lo”.³³ Rojestvensky tinha se destacado na Academia Naval, havia mostrado sua coragem em combate na Guerra Russo-turca de 1877-78 e, apesar da reputação de brutalidade e de um estado de espírito às vezes cruel, tinha subido na hierarquia da Marinha devido a seu apego à disciplina e à exatidão, além de sua ótima mão para a política na corte.³⁴

Quando aceitou o comando da Segunda Esquadra do Pacífico, uma posição que exigiria que ele viajasse do Báltico até o Extremo Oriente, em uma rota desprovida de bases russas e sob risco iminente de ataque,

para abordar a superior frota japonesa em suas próprias águas, estava morrendo por sua própria espada – e sabia disso. “Estamos fazendo o que tem de ser feito, defendendo a honra da bandeira”, disse publicamente antes de partir.³⁵ Sabia bem que sua esquadra ou jamais chegaria ao destino ou, se chegasse, provavelmente enfrentaria um massacre. Mesmo assim, Nicolau estava determinado que eles partissem.

A condução da guerra com o Japão pelo tsar era tão aleatória quanto os motivos de sua eclosão – garantir o controle territorial na Coreia e na Manchúria.³⁶ Nicolau tinha sido levado por seus ministros a um conflito facilmente evitável: alguns respondiam a seu desejo de expandir o império, outros pensavam em seus interesses comerciais no Extremo Oriente, e alguns achavam que “uma guerrinha vitoriosa” retardaria uma revolução. Esses ministros encontraram em Nicolau um ouvinte atento. Em 1890, quando ainda era o jovem filho do tsar e fazia uma excursão pelo Oriente, sobrevivera por pouco a uma tentativa de assassinato em Otsu, no Japão, quando um agressor pulou do meio da multidão com uma espada, atingindo Nicolau na testa; o segundo golpe do assassino foi desviado, mas Nicolau ficou com uma cicatriz permanente. O incidente alimentou um profundo ressentimento para com o povo japonês, a quem chamava de “macacos”. Seu belicoso primo, o kaiser Guilherme II, também o incitou à guerra; um telegrama enviado ao tsar do barco do kaiser revela sua atitude: “O Almirante do Atlântico cumprimenta o Almirante do Pacífico.”

Quando a guerra estourou, depois de um ataque surpresa japonês a Porto Artur no dia 26 de janeiro de 1904, os russos se reuniram em torno do tsar em uma onda de patriotismo.³⁷ “Só temos que lançar nossos chapéus sobre o inimigo para que ele fuja” era uma expressão comum nas ruas. Mas logo, no campo de batalha, haveria um desastre atrás do outro. A campanha militar foi mal financiada, mal equipada e mal conduzida. Generais russos combatiam uma guerra do século XIX, com direito a ataques de baioneta, contra um inimigo bem-posicionado e armado com artilharia. “Ovelhas levadas ao sacrifício”, disse um observador dos soldados russos. Nicolau, de sua parte, mandava ícones para as tropas a fim de elevar seu moral. Elas teriam preferido armas mais modernas e talvez menos oficiais brigando entre si ou bebendo champanhe na véspera da batalha.

Rojestvensky sabia que sua missão era apenas mais um na longa série de erros do alto-comando russo, mas, se tinha de haver uma esquadra, ele acreditava ser o melhor homem para comandá-la. Poucos marinheiros a bordo da Armada sabiam direito o motivo de estar sendo enviados para lutar com os japoneses. Tinham sido recrutados para a Marinha em fazendas de camponeses ou nas favelas das cidades. Muitos não sabiam ler, e encaravam os encouraçados como “monstros de metal”.³⁸ Na primeira metade da viagem desde Libau, pela costa oeste da África e em torno do cabo da Boa Esperança, até Madagascar, enfrentaram provações inimagináveis. Em circunstâncias melhores, a Marinha russa já era cruel com os escalões mais baixos – os marinheiros suportavam oficiais abusivos, comida insossa, alojamentos lotados e trabalhos cansativos –, mas naquela viagem eles desceram a um nível inédito de inferno.

Impedido de parar na maioria dos portos porque ajudar os russos violaria a neutralidade dos países, Rojestvensky assegurou que a esquadra comprasse quanto carvão fosse possível dos carvoeiros alemães que encontrassem pelo caminho.³⁹ Comprar carvão no mar já era perigoso por si só, mas conviver com seu armazenamento nos conveses e em cabines, corredores, banheiros, oficinas – por todo lado – ao atravessar os sufocantes trópicos, de quase 50 graus, era uma tortura diária. O pó do carvão fazia os olhos arderem e entrava nos pulmões. Homens desmaiavam de hipertermia ou simplesmente enlouqueciam de dor. Entre outros horrores estavam os vorazes ratos a bordo, a disenteria, o convés tão quente que fazia bolhas nos pés descalços e os furacões, durante os quais ondas de 12 metros arrancavam para sempre os marinheiros dos navios.⁴⁰

Ainda assim, Rojestvensky conseguiu chegar a Madagascar com a maior parte de sua tripulação, mas as ordens para esperar em Hellville destruíram o moral de toda a equipe, causando ainda mais dano que o calor e o pó de carvão. Rojestvensky ficou arrasado.⁴¹ Por várias semanas, seus oficiais ouviram seus lamentos na cabine trancada. Quando reaparecia, aparentava 20 anos mais velho, abatido e apático. Houve quem em sua equipe imaginasse que ele tinha sofrido um derrame, pois arrastava a perna esquerda. O que eles sabiam com certeza, quando janeiro virou fevereiro e depois março, era que a frota estava se desmoronando.

Dia após dia, torpedeiros negros levavam para o mar os vitimados pela malária, pela febre tifoide ou pela própria mão. Depois de um único tiro de canhão, os corpos, costurados em tecido, eram despejados. Aqueles que restavam no porto sofriam de uma série de doenças, sem contar a comida estragada, o calor massacrante e as chuvas torrenciais. Muitos sofriam de urticária tropical e se coçavam até sangrar, tratando os arranhões com querosene ou água-de-colônia. À noite, dormiam nus em colchonetes no convés. Macacos, galinhas, vacas, lebres e porcos, levados a bordo pelos marinheiros, abarrotavam todos os navios. O mau cheiro era insuportável. Baratas e ratos infestavam as cabines. O musgo e as cracas se acumulavam nos cascos dos navios, e tubarões rondavam a frota, ansiosos para devorar qualquer pedaço de carne estragada lançado no mar.

A disciplina entrou em colapso. Os homens se embebedavam, jogavam, roubavam os malgaxes e desobedeciam aos superiores. Havia sinais de motim por toda parte, e mesmo assim Rojestvensky, que tinha a fama de ter dado um soco que arrancara os dentes de um marinheiro por uma pequena transgressão, perdoava com facilidade. “Como posso intimidar homens dispostos a me seguir até a morte os condenando à força?”, perguntou a seu principal subordinado. A ordem se deteriorou ainda mais quando chegaram os relatos das greves em massa pela Rússia e de como o tsar permitira a carnificina do próprio povo, até de mulheres e crianças, quando eles fizeram uma passeata até o Palácio de Inverno para pedir uma vida melhor. A revolução parecia ser iminente. Além do mais, os editoriais dos jornais estavam pessimistas quanto à própria missão da esquadra – escreviam que a Armada estava fadada a ter o mesmo destino daquela que a Espanha mandara contra a Inglaterra em 1588.

Por fim, no dia 4 de março, Rojestvensky, que tinha, à custa de pura determinação, retomado o controle de sua frota semidestruída, decidiu que bastava. Não podia mais ficar esperando por uma frota de velhos “autoafundantes” – como ele chamava a Terceira do Pacífico –, que muito provavelmente seria um estorvo em um combate marítimo. Desobedecendo às ordens que recebera, o almirante deixou Hellville e navegou pelo vasto oceano Índico. Não sabia que, naquele dia, milhares de soldados da infantaria russa morriam em um confronto ao sul da cidade de Mukden, na Manchúria.⁴² A batalha, em que mais de

meio milhão de homens se enfrentaram, foi a maior da Guerra Russo-japonesa, e a maior da história moderna. Os russos sacrificaram 90 mil homens em Mukden.

Avançando a lentos seis nós, passando por panes de motor e vários outros problemas mecânicos como a perda do leme de um encouraçado, a esquadra abriu caminho no oceano. Ignorada pelos navios de reconhecimento japoneses e pelo alto-comando russo por três semanas, a esquadra finalmente surgiu na costa de Cingapura em quatro colunas; dias depois, ancorou na baía de Cam Rahn, próximo à Indochina francesa. Sob ordens diretas, dessa vez do próprio Nicolau, Rojestvensky esperou mais uma vez pela Terceira do Pacífico. Um mês depois, a esquadra chegou. Antes do amanhecer do dia 14 de maio, a frota reunida partiu para a base naval em Vladivostok, onde Rojestvensky pretendia consertar seus encouraçados e melhorar o moral de seus marinheiros antes de enfrentar a frota japonesa. A esquadra traçou um curso pelo estreito da Coreia, nas águas entre a costa japonesa e a ilha de Tsushima. Rojestvensky rezou para que eles, escondidos em meio à neblina, passassem incólumes pelo inimigo, mas seu destino, agora nas mãos do famoso almirante japonês Togo, não corresponderia a seus desejos.

“Esquadra inimiga quadrante 203 [...] aparentemente seguindo para a passagem oriental.”⁴³ A mensagem, das 4h45, de um navio de reconhecimento japonês, foi bem recebida a bordo do *Mikasa*, a nau capitânia da frota japonesa. O almirante Togo Heihachiro, que tinha 1,60 metro de altura e pesava menos de 60 quilos, esperava havia meses pelo surgimento dos russos. Finalmente, aquele herói da Marinha japonesa, responsável por tantos triunfos brilhantes sobre os russos, poderia dar cabo do inimigo em uma batalha definitiva. Com os binóculos Zeiss no pescoço, o uniforme preto abotoado embaixo do queixo e a adorada espada em uma bainha dourada sobre o quadril esquerdo, ele calmamente começou a dar ordens a seus oficiais na ponte. Respingos de água salgada chegavam ao convés conforme a frota avançava da base ao sudeste. Um marinheiro cantava, sozinho: “E tempestades barulhentas dissipam o orvalho da manhã. [...] Que então o triunfo de nossas embarcações [...] Despedace os navios russos e toda sua tripulação.”

Para o fim da manhã, de volta ao *Suvorov*, Rojestvensky observava quatro cruzadores japoneses acompanhando os movimentos de sua frota, como lobos vigiando a presa. Eles não conseguiriam passar para chegar até Vladivostok. Intercepções de rádio indicavam que Togo estava a caminho. Na noite anterior, o clima na frota russa tinha sido de nervosismo e expectativa. Marinheiros dormiram com as armas ao lado e olhavam para o mar negro; nas sombras formadas pelo luar enxergaram torpedeiros que jamais se materializaram, e compartilharam o medo que sentiam. “Ela nunca vai superar se eu for morto”, disse um. “Brrr! É horrível lá no fundo”, disse outro.⁴⁴ Rojestvensky tinha conseguido dormir umas poucas horas em uma poltrona na ponte de vante, mas estava desde cedo debruçado sobre os mapas. Apesar da aproximação da batalha, ordenou a todos os navios que prestassem suas homenagens ao aniversário da coroação do tsar. Padres fizeram as preces apressadamente. Copos de vodca foram erguidos: “À saúde de Sua Majestade, o Imperador, e de Sua Majestade, a Imperatriz! À Rússia!”⁴⁵

Antes do fim da cerimônia, veio a ordem para que assumissem os postos de combate em toda a frota. Depois de fazer o sinal da cruz, os marinheiros correram para suas posições a fim de esperar a batalha. A névoa da manhã havia se dissipado, e as encostas de Tsushima se erguiam sobre eles a oeste.

Às 13h19, os almirantes das duas frotas avistaram uma fumaça negra no horizonte e, minutos depois, em suas frotas. A 16 quilômetros de distância, os japoneses formavam uma linha cinza uniforme que contrastava com o mar agitado.⁴⁶ Os russos, cujos encouraçados tinham chaminés pintadas de amarelo, eram um alvo bem visível. No papel, as duas frotas eram mais ou menos equivalentes. Cada uma tinha 12 navios de linha de combate, e embora os japoneses tivessem mais armas, os russos possuíam armas mais potentes. Togo levava vantagem na velocidade e no número de destróieres e torpedeiros, mas não era insuperável, desde que Rojestvensky acertasse no comando da batalha. O almirante russo, no entanto, já não era o mesmo líder forte e determinado que tinha zarpado de Libau oito meses antes.

Desde o início do dia, Rojestvensky, que comandava um total de 48 embarcações, já reduzira suas chances de vitória, ao mexer na cadeia

de comando e fornecer parcos planos para a batalha.⁴⁷ Durante o confronto, deu apenas duas ordens, ambas antes do disparo do primeiro tiro. Sua primeira ordem, dada antes mesmo de a tropa japonesa ser avistada, posicionou a frota em uma formação em linha (talvez porque o almirante temesse um ataque pelo leste e não quisesse ficar exposto). A segunda ordem, dada depois de avistar os navios de Togo bem à sua frente, revogou a primeira, instruindo a frota a voltar para a formação em coluna. Essa ordem veio tarde demais, e só aumentou a vantagem dos japoneses, que aproveitaram a confusão russa para executar com perfeição uma das manobras mais ousadas da história naval.

Às 13h55, enquanto as duas frotas se posicionavam para o combate, Togo ergueu a mão direita e riscou um semicírculo no ar. O grito “Tudo a bombordo!” soou em todos os seus navios. Por causa do mar pesado e da fumaça, Togo havia interpretado mal a aproximação inicial dos russos e se viu em má posição para seguir seu plano original, que era isolar duas das divisões do inimigo. Depois de seus navios terem passado de estibordo a bombordo diante da frota de Rojestvensky, seguindo para a posição contrária, ele deu ordem para que a direção fosse totalmente invertida. Durante vários minutos, sua frota ficaria exposta em um único ponto, no qual os russos poderiam concentrar o fogo. Foi uma aposta, mas, se os navios sobrevivessem à virada, a frota poderia seguir no curso paralelo, e então, com sua velocidade superior, os japoneses poderiam cruzar a formação do inimigo, em um ponto ideal para varrê-lo com seu fogo.⁴⁸

Durante a execução da virada, armas dispararam da capitânia *Suvorov*, mas a maioria das granadas de artilharia errou o alvo. E o mais grave era que a maior parte da frota de Rojestvensky, que deveria estar lançando uma chuva de granadas sobre o *Mikasa*, estava mergulhada no caos, por causa da segunda ordem de voltar à formação em coluna única. Navios tiveram de desacelerar, alguns chegando a parar totalmente, para não abalroar o que vinha na frente. Isso também fez com que eles virassem alvos fáceis para os devastadoramente precisos canhoneiros japoneses.

“Fogo! Fogo!” Primeiro o *Mikasa* de Togo, depois cada navio que completava a virada, lançou salvas de mais de quinhentas armas para a nave capitânia russa e para o *Oslyabya*, que liderava a segunda divisão da

frota e fora um dos navios obrigados a parar. Em poucos minutos, o alcance das granadas japonesas ficou menor. O *Oshlyabya*, um encouraçado moderno, mas de formato estranho, com um casco alto e inclinado e de longas chaminés, recebeu um impacto de grande calibre na linha-d'água, perto da proa. O mar invadiu os compartimentos do navio, e logo ele começou a tender perigosamente para bombordo, proa para baixo. Os japoneses aproveitaram a vantagem, fazendo chover “granadas” sobre o *Oshlyabya*. A torre da proa foi arrancada, decapitando um marinheiro e aleijando o restante dos que estavam lá dentro. Ao ser carregado para baixo em uma maca, um marinheiro que tivera o pé arrancado gritou: “Monstros! Sanguinários! Veem o que vocês começaram? Que sejam varridos da Terra de Deus!” Um oficial caiu perto dali, o peito destroçado. A maioria dos gritos e lamentos dos que morriam se perdeu em meio ao fogo, que transformou o casco e o convés do navio em confete de aço retorcido. O fogo consumia o navio, o ácido das granadas de artilharia japonesas se alimentando da pintura. O *Oshlyabya* tremia da proa à popa ao ser atingido inúmeras vezes. Pouco tempo depois, grande parte das armas a bordo ficou em silêncio. Uma fumaça negra e densa subia de cada alojamento, e o ar ficou extremamente quente. Pedacos de carne enchiam os conveses, onde antes havia homens. Enquanto o segundo oficial do navio corria em círculos, em pânico, a proa afundava cada vez mais. E as granadas continuavam chegando. O capitão, que tinha morrido três dias antes da batalha, jazia em um caixão na capela do navio, o único a ter paz naquele dia.

O almirante Togo erguia-se desprotegido em seu passadiço superior, com um pé à frente, os lábios contraídos, observando sua frota avançar sobre os russos e atirar tão rápido quanto as tripulações conseguissem recarregar as armas.⁴⁹ Seus assessores tentaram levá-lo para uma posição mais segura – 12 granadas russas já tinham atingido o *Mikasa* –, mas Togo estava gostando da paisagem. No mastro de proa, a seu lado, as bandeiras de batalha, içadas no início do combate, declaravam que A ASCENSÃO OU A QUEDA DO IMPÉRIO DEPENDE DESTA BATALHA. DÊ TUDO, CADA UM DE VOCÊS.

Na torre de comando cilíndrica do *Suvorov*, Rojestvensky assistia à batalha através da pequena abertura de uma vigia recortada na estrutura

de aço de 25 centímetros de espessura. O *Oslabya* tinha saído da linha. A maior parte da frota estava totalmente desorganizada por causa do selvagem ataque japonês, e os navios de Togo estavam a apenas 3 quilômetros. A distância diminuía a cada minuto.⁵⁰

– Excelência, precisamos mudar a distância – gritou o comandante de Rojestvensky, em meio ao barulho das explosões. – Já estamos ao alcance deles e eles vão deixar as coisas quentes para nós.

O almirante se virou, com um brilho nos olhos.

– Ainda não. Eles também estão ao nosso alcance.

Por cima dele e por toda a volta, granadas japonesas de mais de um metro cruzavam o ar antes de explodir. No exterior da torre blindada de Rojestvensky, o *Suvorov* estava em situação desesperadora. Homens faziam de tudo em meio à fumaça, escorregando nas poças de sangue, para ajudar os feridos, para fugir do fogo ou simplesmente para se proteger da chuva de metal fervente. Os canhoneiros continuavam em posição, mas grande parte dos telemetristas tinha morrido, e os atiradores miravam basicamente no escuro. O mastro principal tinha desaparecido. As adriças de sinalização já não existiam. Por todo o navio, incêndios isolados começavam a se juntar, formando um único inferno.

Às 14h30, a torre de comando – o cérebro do navio, como descreveu um observador – foi atingida. Duas vezes. A blindagem atenuou a força do choque, mas estilhaços de granada ricochetearam pela pequena câmara até cortarem a carne. Rojestvensky e seu comandante sofreram cortes no rosto e nos braços. O timoneiro e o oficial da artilharia morreram e jaziam sobre seus instrumentos, o sangue cobrindo os painéis. De joelhos, o almirante permaneceu na torre, mas seus transmissores de voz e de telégrafo haviam sido danificados, o leme estava enguiçado e ele não conseguia enxergar nada por causa da fumaça e das chamas que cobriam o navio. Com menos de meia hora de batalha, Rojestvensky havia perdido completamente o controle sobre sua frota. A armada russa se desintegrou, e foi cada homem e cada navio por si. Togo manteve o ataque em formação, consciente da vitória.

Às 14h50, o *Oslabya* foi o primeiro encouraçado a afundar. Com o motor parado, as armas em silêncio e a proa submersa, o navio foi alvo de uma granada de 360 quilos a bombordo. Depois outra. E mais

outra. A água entrou por um rombo “grande o bastante para passar uma *troika*”¹, como descreveu um sobrevivente. Quando o navio ficou na vertical, marinheiros pularam em um mar de fogo. Um oficial gritou: “Saíam do navio, o demônio vai pegar vocês! Se não saírem, vão ser engolidos! Saíam!” Mais de 200 homens não tiveram sequer chance de escapar. Trancados sob escotilhas à prova de bala e esquecidos por seus companheiros, aqueles que estavam nas salas de máquinas e nas praças das caldeiras afundaram com o navio, berrando por ajuda na escuridão, até que o mar gelado se fechasse sobre eles.⁵¹

Naquela altura, a frota de Togo já dirigia seus ataques para os outros encouraçados russos. Às 19h, a batalha estava praticamente encerrada. Ao longo da noite, torpedeiros e destróieres de Togo arrasaram os navios que tinham escapado à aniquilação sob a luz do dia.⁵² Na manhã do dia 15 de maio, os corpos de milhares de marinheiros russos enchiam as águas do estreito da Coreia. Com toda sua frota, Togo cercou os quatro encouraçados russos remanescentes e exigiu sua rendição. Algumas embarcações tinham fugido durante a noite, entre elas um torpedeiro que levava um delirante e ensanguentado almirante Rojestvensky, que tinha abandonado o *Suvorov* antes de ele afundar. Um destróier japonês o capturou depois, naquele mesmo dia.

Para vencer uma das maiores batalhas navais da história, comparável em dimensão e em significado à vitória do almirante Horatio Nelson em Trafalgar, Togo tinha perdido o total de três torpedeiros.

A notícia chegou a São Petersburgo no dia seguinte.

Na manhã do dia 16 de maio, a superfície congelada do rio Neva se quebrava. Das margens e das ruas perto dali, parecia que alguma força invisível estava destruindo o gelo com um machado gigante. Primeiro, rachaduras apareceram na superfície, depois as aberturas se alargaram, entre os pedaços de gelo. A superfície do rio, um cobertor branco uniforme durante o inverno, estava agora cheia de pedras de gelo cinzento e sujo. Aos poucos, a corrente começou a levar os enormes bancos de gelo rio abaixo. Eles se chocavam, giravam e se quebravam em pedaços

¹ Carruagem ou trenó conduzido por três cavalos.

menores, soltando o gelo mais teimoso das margens do rio.⁵³ Nas semanas seguintes, o Neva finalmente correria livre para o golfo da Finlândia. Era um processo incansável, inevitável.

Vinte e cinco quilômetros ao sul de São Petersburgo, naquela mesma manhã, Nicolau cavalgava por Tsarskoye Selo. O ar tinha o perfume dos lilases úmidos.⁵⁴ Nicolau adorava sua propriedade de campo. Atrás de uma cerca de ferro e cercada por cossacos montados, Tsarskoye Selo era um paraíso, bem distante do caos da cidade. No parque de 320 hectares onde Nicolau galopava, erguiam-se dois palácios com amplos jardins, um zoológico, arcos do triunfo, várias capelas, alamedas serpenteando pelos bosques, um lago artificial pontilhado de veleiros – e até mesmo um pagode chinês e banhos turcos.

Nicolau concluiu o passeio diante do Palácio de Alexandre, onde tinha se refugiado após a cerimônia da Bênção das Águas em janeiro. Construído um século antes, o palácio de cem aposentos era modesto se comparado ao Palácio de Catarina, perto dali, que concorria com Versalhes em tamanho e opulência. Mesmo assim, Nicolau e sua família não eram privados de luxo nos extensos salões dourados e câmaras cor de malva iluminados por lustres de cristal e perfumados por flores frescas. Ali, centenas de serviçais bem-vestidos atendiam a todas as suas necessidades. No entanto, quando Nicolau entrou pelo palácio naquela manhã, o ambiente luxuoso não deve ter importado muito. Esperava desesperadamente notícias sobre a esquadra de Rojestvensky.

Na noite anterior, tinha se trancado com seu conselho de guerra no escritório de paredes de imbuia, estudando os mapas para definir onde poderia estar a frota. Seu ministro naval, o almirante Avelan, tinha garantido que, mesmo que Togo tentasse fugir da frota russa, Rojestvensky eliminaria completamente os japoneses, ainda que tivesse que bombardear um dos portos deles. Tamanha era a bravata do círculo mais próximo a Nicolau.⁵⁵

Os boatos mais malucos circulavam por São Petersburgo.⁵⁶ Havia gente que falava de uma grande vitória japonesa. Outros diziam que a frota russa tinha chegado intacta a Vladivostok; os vendedores de jornais já distribuíam a história nas ruas. Mas se Nicolau fosse acreditar em cada informação telegrafada ou em cada mensagem de cônsul, Ro-

jestvensky já teria ganhado a batalha um mês antes, no estreito de Malaca, perto da Indochina, e não haveria mais motivo de preocupação.

Mas havia; ele estava preocupadíssimo. Os últimos quatro meses e meio tinham acabado com suas esperanças de um ano tranquilo. No dia 9 de janeiro, três dias depois de ter escapado da morte no Neva, 120 mil trabalhadores e suas famílias, em suas melhores roupas de domingo, tinham se reunido no Palácio de Inverno para pedir a ele que atenuasse sua opressão. A multidão indefesa, que carregava imagens e até o retrato dele, se recusou a se dispersar, e os soldados avançaram com a cavalaria sobre ela, matando 130 e ferindo muitos outros. “Domingo Sangrento”, como muitos o chamavam.⁵⁷

Tumultos eclodiram nos dias e semanas seguintes. Um defensor de Nicolau descreveu, na época: “Greves pululam na Rússia como arbustos na estepe, uma superando a outra, de Petersburgo a Baku, de Varsóvia ao coração da Sibéria. Todo mundo está engajado [...] operários, universitários, maquinistas, professores, funcionários de fábricas de cigarros, farmacêuticos, advogados, barbeiros, balconistas, telegrafistas, estudantes. [...] O clima está carregado. [...] As pessoas que se cruzam perguntam: ‘O que vai acontecer? O que vai acontecer?’”⁵⁸ No campo, os “queridos” camponeses de Nicolau saqueavam as mansões dos proprietários ou simplesmente as incendiavam, não deixando nada de pé. A maioria dos oficiais de alto escalão temia morrer. No dia 4 de fevereiro, um terrorista assassinou o governador-geral de Moscou, tio de Nicolau, o grão-duque Sergei, lançando uma bomba na carruagem dele, ao sair do Kremlin. Nobres transfigurados em liberais pressionavam por uma voz na direção do país. Enquanto isso, revolucionários deixavam claro que só ficariam satisfeitos com a cabeça do tsar. Em maio, embora Nicolau não tivesse como esperar uma vitória definitiva sobre o Japão, era obrigado a questionar o que aconteceria dentro da Rússia se Rojestvensky fracassasse.

Quando entrou no Palácio de Alexandre depois da cavalgada, Nicolau recebeu a primeira informação confiável, um telegrama do capitão do cruzador *Almaz*, que tinha conseguido fugir dos japoneses e chegara havia pouco a Vladivostok. Ele contou que o *Suvorov*, o *Oslabya* e o cruzador *Ural* tinham sido destruídos e que o encouraçado *Alexandre* havia sido gravemente danificado. O *Almaz* tinha partido do estreito da

Coreia antes do fim da batalha, mas não havia outros navios em Vladivostok. O capitão perguntava, no telegrama: “É possível que nenhum dos navios da esquadra tenha chegado a Vladivostok?” Era inconcebível que todos os outros tivessem sido destruídos.

Nos dois dias que se seguiram, no entanto, os terríveis fatos da batalha chegaram do Extremo Oriente. A história registrou diferentes relatos sobre a reação de Nicolau às notícias. Um deles afirma que ele estava em um jantar da corte, recebeu um telegrama sobre a frota, pegou sua cigareira de ouro e pediu que o mestre de cerimônias anunciasse: “Sua Majestade Imperial permite que se fume.” Em outra história, ele estava no trem imperial com seu ministro da Guerra e reagiu às péssimas notícias com vigor, formulando novos planos para a guerra dali a minutos. Uma outra conta que ele abriu o despacho quando jogava tênis. “Que desastre terrível”, teria dito, para depois pegar a raquete e terminar a partida.⁵⁹

Pode ser que alguma dessas histórias seja verdadeira, ou nenhuma, mas Nicolau era realmente famoso por seu recolhimento, por nunca expor suas emoções quando lidava com problemas. Mas em seu diário, normalmente reservado a descrições pedantes de suas refeições, de atividades de lazer e do tempo, ele foi sincero. Nos dias 16 e 17 de maio, estava “deprimido” e frustrado com as notícias inadequadas e frequentemente contraditórias. No dia 18 de maio, escreveu sobre um sentimento “difícil, doloroso e triste” que afetava sua alma. Na noite seguinte, pareceu aceitar a verdade: “Agora, por fim, a horrível notícia da destruição de praticamente toda a esquadra na batalha foi confirmada. O próprio Rojestvensky é prisioneiro!” Na mesma ocasião, ele lamentou que a beleza do dia de primavera só tenha agravado sua tristeza.⁶⁰

Ministros do governo, grupos liberais, revolucionários exilados e líderes mundiais se apressaram a apontar culpados, a fazer sua agenda avançar e a prever o futuro político do tsar. As imprensas russa e internacional acompanhavam cada movimento, muitas vezes impondo descaradamente o próprio ponto de vista. Mas ninguém falou diretamente dos cerca de 4.830 homens sacrificados na batalha de Tsushima, nem do dobro desse número que compunham os feridos e capturados. Isto é, até que um bando de marinheiros da Frota do Mar Negro fizesse ouvir a sua voz.